

ATA DA 2.a SESSÃO DA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE DO ESTADO DO PARANÁ (comemorativa ao centenário de Castro Alves), em 14 de março de 1947.

Presidência do sr. João Chéde, secretariada pelos srs. José Machuca e Júlio Buskei.

A' hora regimental é procedida a chamada, pelo 2.º Secretário servindo como 1.º Secretário, achando-se presente os srs.: João Chéde, José Machuca, Alcides Pereira Junior, Aldo Laval, Aldo Silva, Alvir Riesemberg, Anisio Luz, Lustosa de Oliveira, Santos Filho, Atilio Barbosa, Avelino Vieira, Ostoja Rognuski, Edgar Sponholz, Felizardo Gomes da Costa, Accioly Filho, Lacerda Werneck, Marés de Sousa, Guataçara Borba, Helio Setti, Iraci Viana, Alves Bacelar, José Darú, Vieira Neto, Ribeiro dos Santos, Julio Buskei, Julio Xavier, Justiniano Climaco da Silva, Lineu Novais, Portugal Tavares, Lopes Munhoz, Ovande do Amaral, Firman Neto, Rivadavia Vargas e Waldemiro Pedroso (34); ausentes os srs. Pinheiro Junior e Ernani Benghi (2), com motivo justificado.

ABRE-SE A SESSÃO

Lida e posta em discussão, é sem debate, aprovada a ata anterior.

Não havendo expediente a ser lido, o sr. Presidente declara franqueada a palavra, a quem quiser dela fazer uso.

Pela ordem, pede a palavra o deputado Júlio Buskei, que propõe à Mesa, seja designada uma comissão para acompanhar ao recinto da Assembléia o suplente de deputado, sr. Zagonel Passos, que vem assumir o seu lugar, como substituto do deputado sr. Benjamin Mourão.

O sr. Presidente designa uma comissão composta dos srs. deputados Felizardo Gomes da Costa, Accioly Filho e José Alves Bacelar para acompanhar ao recinto da Assembléia o sr. deputado Zagonel Passos. Convidado pelo sr. Presidente o deputado Zagonel Passos presta o compromisso legal, fundamentado nos seguintes dizeres: "Prometo guardar a Constituição Federal e a do Estado que fôr promulgada, desempenhar fiel e lealmente o mandato que me foi confiado pelo povo paranaense e sustentar a União, a Integridade e a Independência do Brasil". O Deputado empossado toma assento sob salva de palmas.

A seguir o sr. Presidente concede a palavra aos srs. Deputados inscritos à sessão comemorativa ao Centenário de Castro Alves.

O SR. SANTOS FILHO: — Sr. Presidente, peço a palavra.

O SR. PRESIDENTE: — Concedo a palavra ao Sr. Santos Filho.

O SR. SANTOS FILHO: — Sr. Presidente, caros Colegas.

A minha bancada faz-se representar nesta Assembléia na homenagem que prestamos à memória de Castro Alves e, assim o fazendo, presta uma ho-

menagem devida a um dos vultos que mais honram o passado glorioso da nossa terra.

Nas lutas em prol de ideais de civismo daquele tempo, ninguem se bateu tanto pela defesa de seus ideais do que Castro Alves. Não sómente prestamos homenagem aqui ao poeta Castro Alves mas, principalmente, ao lutador, ao poeta que, sabendo tanger a sua lira, soube tambem dirigir a sua palavraria na luta em prol dos ideais que consagram a nossa terra como uma das mais notaveis na America e no mundo. O seu esforço prende-se não só á luta em prol da liberdade da palavra mas, principalmente, numa realização magnifica, em prol da libertação dos escravos. As páginas da nossa história registram os seus versos, as suas observações repletas de um sentido democrático, que sempre clamaram contra a extinção daquela nódoa na nossa história de homens livres, a escravidão que nos reduzia aos olhos da America e do mundo.

Castro Alves foi portador de uma mensagem, porque os poetas trazem sempre a nós uma mensagem. Ele foi o portador de uma mensagem divina a serviço da causa mais notável que existiu em todas as realizações do segundo reinado. A instituição da escravatura era uma causa difícil de ser extirpada, difícil de ser combatida, que interessava diretamente ás classes que a tinham conservado, á política daquele tempo. Castro Alves lutou contra tudo isso, lutou quasi que contra o impossível. Castro Alves não hesitou na conquista do seu ideal, levantando a sua voz que foi também uma harpa, uma lira que ele tangeu preparando o espírito do povo para a sua melhor conquista que foi a abolição da escravidão em 13 de Maio de 1888.

O sentido social da poesia de Castro Alves é democrático porque vem do povo e é democrático porque representa o povo. É este o sentido que devemos emprestar á nossa oração. Devemos ao povo aqui estarmos reunidos e este sentido popular deve nortear a todos nós, em nossa vida política. Castro Alves, como um verdadeiro democrata, sempre fez a poesia com o pensamento no povo.

Ele, com a sua poesia, sempre agitou o coração de nosso povo.

Deveria ser maravilhoso ver-se um jovem como Castro Alves recitar, onde quer que fôsse, essas poesias, agitando o coração dos que o ouviam e fazendo os seus ideais crescerem e tomarem vulto.

Rendendo esta homenagem a Castro Alves, em nome de minha bancada, quero terminar lembrando aquelas suas palavras maravilhosas que simbolizavam todo seu amor pela nossa terra:

“Auriverde pendão da minha terra,
Que brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sól encerra,
E de promessas divinas da Esperança”. (Palmas).

O SR. VIEIRA NETO: — Peço a palavra, sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. VIEIRA NETO: — Sr. Presidente, meus nobres e ilustre colegas:

Foi feliz, sem dúvida nenhuma, a proposta unitária que recebeu a aprovação de todas as bancadas democráticas desta Casa, para que se comemorasse solememente o centenário de Castro Alves.

É na madrugada das lutas do movimento nacional libertador do Brasil que aparece primeiramente a figura do Cristo americano. Tiradentes, como o ponto inicial de uma grande linha reta que se vai lançar no meio do século passado onde surge esta figura de poeta e lutador popular — o maior poeta da America: o moço Castro Alves.

Não se pode separar Tiradentes de Castro Alves, porque se aquele foi o precursor da liberdade na America, que já nas tramas da Inconfidência Mineira tivéra a antevissão da futura democracia brasileira, cujas linhas mestras traçara, querendo para o Brasil uma república, e que livre o país fossem livres todos os seus filhos — negros e brancos, — em Castro Alves vamos encontrar a repetição daqueles ideais — Castro Alves foi a juventude eterna do Brasil que nunca se curvou aos despotismos de qualquer ordem, é Castro Alves um simbolo da juventude que ama o progresso — da juventude do século XIX que, entre nós, prenunciava os movimentos democráticos em ebú-

lição, trazendo para a rua as reivindicações da gente de nossa terra, os anseios do povo erguendo da Bahia até São Paulo a luta pela libertação no negro que era o problema mais agudo e afrontante da nossa vergonha nacional.

Foi a Bahia daquele tempo, a terra dos engenhos das senzalas, dos negros amarrados ao poste do pelourinho, desgraçados que o tráfego escravizára, trazendo-os d'Africa afastando-os de sua terra, separando entes queridos — à socapa da vigilância dos navios ingleses que perseguiam os negreiros e que, na época, representavam o sentido humanitário da igualdade — condenando a escravização do homem pelo homem.

E' aquela época dos pelourinhos e senzalas, de onde se originaram os ritmos maguados e dolorosos do samba e das canções de escravos, estreitamente unidos à evocação dos deuses primitivos, dos antepassados, dos cultos africanos, da macumba e dos anseios de liberdade — a época vivida por Castro Alves.

Anteriormente o grande herói Zumbi, prenunciara êsses anseios, fazendo dos quilombos, em Palmares, o centro da luta contra a escravidão, para sucumbir no momento culminante da derrota. O sangue negro continuava a regar a terra brasileira, da Bahia a São Paulo — onde a riqueza também se baseava no braço do escravo, originando aqueles versos de um outro poeta brasileiro

Os frutos do café são globulos vermelhos
do sangue que correu do negro escravizado.

São Paulo, foi a capital da inteligência jovem onde uma grande Faculdade formava Rui Barbosa e abrigava em seu seio o gênio de Castro Alves que ali foi o paladino da paz, do progresso, da luz e da democracia.

Senhor Presidente, nobres Colegas: Castro Alves teve a intuição da liberdade, da igualdade dos seres, da fraternidade das raças. É no drama dos escravos que ele sitúa aquelas vozes extraordinárias de confraternização com a raça negra escravizada:

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, Senhor Deus !
Se é locura... Se é verdade
Tanto horror perante os céus ?
Ó Mar, porque não apagas

Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?...
Astros! noite! tempestade!
Rolai das imensidades !
Varrei os mares tufão !

Pergunta Castro Alves :

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infamia e cobardia ...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria ! ...
Meu Deus ! meu Deus ! mas que bandeira é esta
Que impudente na gavea tripudia !
Silêncio, musa ... chora e chora tanto ...
Que o pavilhão se lava no teu pranto ! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra ...
E as promessas divinas da esperança ...
Tu que, da liberdade após a guerra
Foste hasteados dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha. ...
Que servires a um povo de mortalha ! ...

Fatalidade atroz que a mente esmaga !
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélogo profundo !
Da etérea plaga
Mas é infamia de mais ! ...
Levantai-vos, heróis do novo mundo !
Andrade ! Arranca este pendão dos ares !
Colombo ! fecha a porta de teus mares !

Senhores Deputados: A opressão racista, que se iria alicerçar nos Estados Unidos, na opressão do negro, na separação de duas raças crescendo no mesmo solo, não teve clima para desonvolver-se no Brasil, graças principalmente a Castro Alves, poeta da fraternidade humana cujos cantos evitaram para o Brasil, a praga infame, a mancha do racismo que já serviu de pretexto para uma guerra mundial.

Foi Castro Alves quem pregou no Brasil a fraternidade nacional — e se hoje não há castas nem separação de cônjuges — é porque, através dele, e muito cedo se iniciou o combate ao arianismo precursor do nazismo, — a luta contra todos os despotismos baseados na separação racial.

Foi ele o defensor da liberdade de palavra, de reunião, e pensamento e no momento em que a polícia do Império dissolveu o comício do caudilho republicano Borges da Fonseca, Castro Alves improvisou aqueles versos inspirados em que proclama que o Povo é dono da praça :

A praça, a praça é do Povo !
Como o céu é do Condor !
É antro onde a liberdade
Cria a aguia ao seu calor !
Senhor, pois, quereis a praça ?
Desgraçada a população !
Só tem a rua de seu
Ninguem vos rouba os castelos
Tendes palácios tão belos ...
Deixai a terra ao Antheu.

Condor soberbo da "America, como ele próprio disse, reivindicou a praça para o povo e com ela os direitos fundamentais de liberdade que se caracterisam na república que ele apoiou contra a aristocracia feudal latifundiaria, senhora de engenhos e escravos. Cantou os heróis populares do Brasil como Pedro Ivo, cabeça da revolução praieira de 1849, que teve a sua cabeça posta a prêmio, e exilado para a Europa morreu em viagem, sendo seu corpo atirado ao mar.

Tiradentes e seus companheiros, Gonzaga, principalmente, tiveram a consagração popular através de um drama notável de Castro Alves.

Castro Alvez fez a condenação das guerras de conquistas "No meeting do Comitê du Pain".

Castro Alves caracteriza firmemente suas convicções de que a paz é possível, combatendo as guerras de agressão, neste poema em que faz um apelo a todos os filhos da America, filhos do novo mundo:

Filhos do Novo Mundo, ergamos nós um grito !
Que abafe dos canhões o horrisono rugir.
Em frente do oceano ! em frente do infinito
Em nome do progresso ! em nome do porvir.

Castro Alves, tem hoje, meus Senhores, um grande significado, porque no inicio daqueles anos malfadados do Estado Novo, pretendeu-se fazer de Castro Alves um poeta super-nacionalista cujos versos viessem colaborar com os intuições para-fascistas que orientavam o Governo de então. Mas ele é um poeta democrata e fraterno.

Hoje, no transcurso do seu centenário, estas comemorações assumem caráter extraordinário, neste momento em que sob a égide da Constituição de 1946, se irá consolidar a democracia através das Constituições Es-

taduais, através da solução democrática dos problemas urgentes do nosso povo.

— Castro Alves cumpre vê-lo como um democrata, como um Amigo do progresso. É o poeta inimigo da reação sob qualquer forma, é o cantor da fraternidade de negros e brancos, da igualdade de tratamento perante a lei — dos ricos e poderosos, dos pobres e desamparados, o defensor da liberdade de todos os séres escravizados, e foi na sua época o poeta mais popular, mais democrático do Brasil.

Este progresso nacional que Castro Alves pregou só se pode fazer pelo professor, pela alfabetização e pelo livro. Do livro ele diz Que, "é germem que faz a palma. É chuva que faz o mar . . ."

É preciso ligá-lo às conquistas democráticas do povo em praça pública desde 1945, à Constituição de 1946, que todos os democratas tem que firmemente defender contra a volta à ditadura. É preciso, senhores Deputados, ligá-lo às conquistas do povo em nossa terra, às conquistas do glorioso Exército Nacional nos campos da Europa, do exército que vestiu as glórias da FEB e que Truman pretendeu vestir com fardas Americanas.

É preciso ligá-lo à luta contra as polícias políticas, à alfabetização de milhares, às reivindicações do povo, à fome de milhões de sub-alimentados, à luta contra os monopólios. É preciso, fundamentalmente, ligá-lo à liberdade de palavra, de reunião, à liberdade e vida legal dos partidos políticos que os reacionários saudosista pretendem levar à ilegalidade.

É preciso, finalmente, que nós, os Representantes do Povo, sejamos os mais sinceros democratas e os elementos mais progressistas, — continuando a obra de libertação nacional, da qual Castro Alves foi o símbolo mais ardente, dessa libertação nacional que queremos para a nossa Pátria, contra os monopolios e os resíduos feudais, contra o imperialismo — pelo progresso, pela paz e pela democracia. (Palmas).

O SR. ALVIR RIESEMBERG: — Peço a palavra, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. ALVIR RIESEMBERG (lê):

"Exmo. Sr. Presidente.

Nobres Colegas.

Meus Senhores.

Não bastasse o ritmo gentil em que vazou a sua sentimentalidade brasileira, ou o metro épico no qual precipitou a ampla caudal do São Francisco, o que, por si só nos obrigaria, no solene fechar de um século, para o resguardo do nosso patrimônio intelectual e artístico, a evocar a memória grandiosa de Castro Alves, aquela "bronzeada trompa", por onde ele soprou rajadas de civismos e de liberdades, imporia a esta Assembléia uma sessão comemorativa ao grande vate.

No momento em que se inicia a reconstitucionalização do Estado, para garantia dos nossos direitos e asseguramento das nossas liberdades, é oportuno lembrar, para uma larga inspiração democrática, a figura baiarda do poeta imortal, empunhando a nobre trompa, soprando o bronzeo clangor das reivindicações sociais.

Assim fazendo, já estamos ao mesmo tempo, no atropelado deste ensaio, acentuando a nota dominante da musa de Castro Alves.

Em verdade, ele foi, sobretudo, um poeta social.

Numa época em que a poesia nacional desabrochava em belos corolamentos líricos, ou murchava em mórbidos sentimentalismos, ou, ainda, procurava aspirar na virgindade dos cálices silvestres o valor de uma poesia nativa. Castro Alves soltava intrepidamente o canto condoreiro à conquista da felicidade social — verdadeiro vôo ousado de águia, rumo ao sol, sobre aquela paisagem de risonhas ilusões e desmaiadas melancolias.

Enquanto o pálido bando dos poetas daquelas noites dolentes, ao lugar romântico das rótulas, coagulava em estrofes doridas o sangue das hemopisises, ele, ardente, arrebatado, vingativo, transformava em estrelas o sangue espadanante e vivo de Tiradentes.

Quando, nos dias lutulentos do Paraguai, as liras pátrias, numa ronda de desconsolo gemiam nênias a volta dos campos talados, ele amontoava para a glória, no panteon dos seus versos imortais, aquela ossada branca que fôra o preço da liberdade.

Se as inusas contemporaneas se compraziam na repetição dos madrigais, glosando invariavelmente os temas do amor, ele desatava amiture os laços de fita, unicas grilhetes que o prenderam, e, cadenciando o plectro na solfa das sagrações cívicas, cantava o sonho libertário de Pedro Ivo e do Pirajá. Mas o sentido social da poesia de Castro Alves avulta no drama da escravatura. Ali o estro-genial se diviniza. O vate transforma-se em apóstolo. O verso entra como um facho de luz, na escuridão das senzalas. Cai, branco e puro, como lágrima redentora, sobre as ansias do escravo moribundo. Oscila, em suavíssimo acalento, sobre a infância infeliz do berço negro. Abre-se, purificador, lustral, na cachoeira estupenda, para lavar o opróbrio de Lucas. Azarroga, como um açoite de fogo, a instituição nefanda. Chora, em pleno oceano, ao luar, a nostalgia que geme no porão do brigue fatal. E impreca, divinamente colérico, bíblicamente grande: "Colombo, fecha a porta dos teus mares! — Andradadas, arranca este pendão dos ares!"

E a lei do ventre livre e a lei áurea foram nascendo aos ecos do seu canto. Entretanto, para mim, há um ponto mais alto na cordilheira magnética daqueles versos. É quando o poeta semeia livros, livros amanheciais, e manda o povo pensar. É quando o poeta embébido nas visões do porvir, vendo, lá longe, o Novo Mundo a crear, a crescer, a subir, canta verdadeiro e confiante:

"O livro caindo n'alma
É germe que faz a palma
É chuva que faz o mar!"

Verdade sempre repetida, mas facilmente esquecida, — o livro é instrumento único, para a realização do ideal democrático.

Eleições livres e honestas, soberania popular — tropos de ironia!

Na verdade, soberania de vontades cebas, inermemente arrastadas, deshonestidade de consciências que opinam sem saber pensar.

Meus nobres colegas!! Que o verso de Castro Alves agora, lembrado inspire esta Assembléia, no sentido de desenvolver a instrução pública do Estado, para o esclarecimento das inteligências, para a formação clara das vontades — pedra basilar da democracia.

Apruma o porte varonil, alteia, como nos teus dias de praça pública, a bela cabeça orgulhosa, empunha a "bronzeada trompa", e passa por este recinto, para a nossa reverência comovida.

Que hoje, como no fundo dos teus cem anos, clamamos por justiça, queremos reivindicações". (Palmas).

O SR. ALDO LAVAL: — Peço a palavra, sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. ALDO LAVAL (lê):

"Respeitável Senhor Presidente e demais membros componentes da Mesa condutora dos trabalhos.

Ilustres Colegas e muito dignos Deputados Estaduais.

Honrada e culta platéia.

Sinto-me devérás orgulhado em poder, pela vez primeira levantar a minha voz modesta, porém sincera, perante tão nobre Assembléia, precisamente quando se comemora condignamente uma data de grande valor na história de nossa Pátria.

Venturoso é pois todo aquele que, sentindo nas profundezas de seu coração, as doçuras imensas e o sentimento altamente cristão dum poeta, buscou nos versos de Castro Alves, os elementos capazes para construir em sua alma, o porvir sonhado das gerações futuras.

Feliz portando será cada um de nós, que haja encontrado nos feitos glóriosos do poeta Castro Alves, a bussola Divinal, a luz radiante que despertará consciências e o poder maravilhoso, que conquistará corações e restabelecerá a paz.

Ditoso também é o instante, em que, ao instalar-se a Augusta Assembléia em nosso Estado, houvesse por bem ser lembrado, ante o gesto reconhecidamente cívico e Democrático, demonstrado pelos meus cultos colegas, de que fosse assim levado à efeito hoje, nesta Casa, tão significativo

ato de respeito e admiração em torno dum poéta, que soube rimando, deixar milhares de corações sorrindo.

Em que se teria apoiado o poéta para realizações tais que tanto nos enchem de orgulho como bons brasileiros?

Na "Dor" sem dúvida. Nessa silenciosa amiga dos homens, cuja elevação moral, sómente a ela, terão de render a sua gratidão?

E' por conseguinte na dor, que conseguimos aprender falar de perto a todos os humanos, conforme se poderá observar nos pensamentos de José Bonifácio, o grande pensador dos tempos memoráveis de nossa história, quando assim afirmava:

"A dor tem falas e o prazer sorrisos"

Ainda é o mesmo poéta que assim se expressa:

"Qual a arte de ser feliz no mundo! ter mau coração e bom estomago".

Inielizmente vivemos ainda sob um clima dessa natureza, porém, confiante nas celebidades do passado, nas culturas morais do presente, forçosamente seremos vitoriosos em nossos melhores propósitos de servir o Estado, a Pátria e á REPUBLICA.

A abolição da escravatura que teve causa nas santas e imorredouras poesias de Castro Alves, será por certo seguida de tantas e tantas outras abolições, que em nossos dias, de um modo geral, devem e precisam ser votadas por esta Casa, composta de mentalidades sadias e bem intencionadas, que no afan sagrado de desempenhar-se das arduas tarefas que lhes foram autorgadas pelo povo, saberão liberá-lo da maior escravatura branca, sem precedentes nos anais históricos do mundo, em que se debate, na mais deshumana falta de abrigo, de alimentação, de salários que lhe permita sobreviver, enfim de todos os recursos, contra os quais facilmente nos serão apresentados pelo incomparável Código Divino. Os evangelhos de Cristo.

Em homenagem á CASTRO ALVES, saudosamente, trabalhemos, sem cessar e sem esmorecimento, tanto mais pelos homens que pelas coisas, se quisermos cantar um dia, os louvores da Pátria, em ousanas á gloria e à felicidade do abençoado pendão auri-verde respeitável de nosso estremecido Brasil". (Palmas).

O SR. EDGAR SPONHOLZ: — Peço a palavra sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. EDGARD SPONHOLZ: — Sr. Presidente, nobres Deputados de todas as bancadas populares, meus Senhores.

Esta Assembléia, que é do povo, consagrou a reunião de hoje, para comemorar o Centenário de um vulto nacional, que é antes de tudo, um vulto popular pelas suas reivindicações dos anseios das massas e dos anseios universais de liberdade. A data deste dia é consagrada pela homenagem de todos os intelectuais, é consagrada pelo povo brasileiro, á memória do maior vate da poesia pátria. E, assim, é de muita justiça e de muito acerto que os representantes do povo, reunidos em Assembléia Constituinte, consagrasssem uma de suas sessões à memória daquele que foi entre os poetas da poesia social do mundo talvez o mais brilhante e talvez o mais excelsa pelos seus anseios de humanidade. O ambiente social do século XIX, vindo de uma agitação sem precedente, onde as organizações se tumultuavam num entrechoque de anseios desordenados, num século em que o povo estava ancioso de reivindicar os seus direitos, Castro Alves foi o corifeu representativo da alma coletiva. E o século XIX se abriu em grande caminhada e grande tumulto literário, procurando esta corte de homens de letras o sentido no só harmônico socialmente mas o sentido harmônico artístico, inaugurando a Escola Romântica da literatura universal, e no Brasil a figura impar de Castro Alves, ultrapassou o nacionalismo de seu companheiro Gonçalves Dias, o lírismo de Casemiro de Abreu, abrindo-se em poesia que ilustrou com sua inspiração elevada. E quando a bancada do Partido Social Democrático associando-se as homenagens que nessa data o povo do Paraná tributa ao vate do Brasil, incumbiu-me para falar em seu nome nesta reunião, teve em vista o alto significado nacional e universal que o povo inteiro presta àquele que foi no Brasil um rei na liberdade, e um rei também pela grandeza de suas emoções e poemas. É interpretando aquelas idéias populares de reivindicações em todos os senti-

dos sociais e jurídicos, que o P. S. D. quis invocar pela minha palavra o vulto do grande vate brasileiro que consta hoje na literatura do mundo como um símbolo universal.

A figura do poeta baiano é para nós outros um símbolo e uma mensagem de universalidade. Homenageando a figura de Castro Alves, o maior corifeu de arte no Brasil, aquele que devassou os caminhos das reivindicações populares de nosso povo, o meu Partido se sente bem a vontade conjuntamente com outros, para render as suas homenagens àquela figura de poeta e letrado. Castro Alves é um símbolo e uma mensagem da cultura do Brasil; é um renovador nas letras literárias; é um renovador nas idéias de fraternidade. Castro Alves é hoje um símbolo daqueles homens e daqueles corações que querem apreender aquele sentido de harmonia do coração e do espírito do homem que inspira a paz, harmonia e confiança. Naquele seu poema: "O livro e America" teve estrofes inspiradas.

Castro Alves nele traçou o sentido americanista de hoje. Através da voz de Castro Alves, foi aberto o caminho acertado para estas reivindicações que hoje fazem de nosso país e da América um símbolo da fraternidade universal, e a figura de Castro Alves, que podemos comparar a de Victor Hugo e Walt Whitman, é uma figura digna das mais altas e efusivas considerações do povo. É no sentido de render um preito de louvor a estas qualidades que hoje abrangem a mentalidade americana, que o P.S.D. se associa a estas justas homenagens à figura do maior poeta brasileiro. (Palmas).

O SR. ZAGONEL PASSOS: — Sr. Presidente, peço a palavra.

O SR. PRESIDENTE: — Concedo a palavra ao sr. Zagonel Passos.

O SR. ZAGONEL PASSOS: — Sr. Presidente, srs. Deputados.

As minhas palavras são em nome do P. R. P. que se solidarisa com esta Casa com os conceitos emitidos nas belas orações pronunciadas por meus colegas. Castro Alves é efetivamente o poeta nacional e social, o poeta patriótico. Disse bem o orador, que me precedeu, Castro Alves teve a visão profética da gerência da América nos destinos do mundo. Ele reunia em si todos aqueles belos sentimentos que adornam a alma brasileira. Sente-se nos versos sofredores de sua poesia todo o drama de uma população. Solidário com este drama, em sua poesia ele protesta, sofre, mas não desanima e nos seus poemas ao lado de um sentido americanista existe o sentido religioso, como no seu poema: A CRUZ DA ESTRADA:

“..... Da etérea plaga
Levantai-vos heróis do Novo Mundo !
Andrade ! Arranca esse pendão dos ares !
Colombo ! Fecha a porta dos teus mares ”
Quando à noite o silêncio habita as matas
Prende-se a voz na boca das cataratas
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro ! Do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou !
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouca a liberdade o desposou.

No seu poema "Jesuitas" presta uma homenagem à nacionalidade e àqueles que formaram essa própria nacionalidade: (lê)

A voz do mártir murmurava ungida:
"Irmãos ! Eu vim trazer-vos minha vida ...
Vim trazer-vos Jesus !

Outras vezes no eterno itinerário,
O sol, que vira a santa Cruz,
Do Cristo a santa Cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos indios rubros, nus.

Eram êles que o verbo do Messias
Prégavam desde o vale ás serranias,
Do Polo ao Equador.
E o Niagara ia contar aos mares ...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor.

A este grande vulto de brasiliade a bancada de partido que representa nesta Casa, o P. R. P., associa-se na homenagem, que a Assembléia Legislativa presta à sua memória, lembrando que a éra que passa é igual a de Castro Alves e, a propósito, termino lembrando ainda os seus belos versos, nas "Estrofes do Solitário":

"Basta de cobardia ! A hora soa ...
Voz ignota e fatídica ressoa.
Que vem ... Donde ? De Deus",

(Muito bem).

O SR. MARÉS DE SOUSA — Peço a palavra sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. MARÉS DE SOUSA (lê): — "Sr. Presidente. Senhores Deputados: A minha bancada cumpre o dever de se associar ás justas homenagens tributadas, nesta Casa, ao grande épico Castro Alves pelo transcurso do centenário de seu nascimento.

Representantes do povo, não poderíamos deixar de aprovar as manifestações ao heroico poéta das duas maiores campanhas populares travadas em nossa Pátria no segundo Império: a propaganda republicana e a libertação dos escravos.

Em meio dessas lutas gigantescas, no ardor desses combates memoráveis surgiu o genio de Castro Alves poéta baiano que fez da desgraça do escravo e do então exótico, republicanismo nascente, a sua dupla fonte de inspiração patriótica, criando a poesia social brasileira.

Hoje são as filas, o cambio negro, a inflação e a carestia, os grandes problemas que nos atormentam.

Na última sessão, desta Assembléia, todos os partidos por seus ilustres representantes procuraram obter a primazia em atacá-los vigorosamente, refletindo o anseio popular, porque se o não fizessem poderia parecer até uma traição ao mandato. São os problemas graves da época.

Outróra nos tempos de Castro Alves todas as questões sociais pareciam resumir-se na luta contra a escravidão. Foi no ardor desses combates, no calor dessa campanha, que o genio de Castro Alves, lapidou as estrófes imortais do "Navio Negreiro", onde narra os horrores da escravidão. O bardo épico afinou a sua lira incomparável no sofrimento dos escravos. Nesse clima social de sofrimentos e de angustias brotaram quasi todas as rimas do grande condoreiro, que hoje rememoramos.

Não destôa, portanto, a abertura de um parentesis entre duas sessões ordinárias em uma Assembléia Constituinte, para enaltecer a figura do poéta, que lutou pela liberdade e pela justiça social.

O nome de Castro Alves devia estar sempre presente em todas as assembléias onde se tratam dos interesses do povo, porque ele foi um autêntico representante do povo, que soube traduzir em versos geniais as suas revoltas, os seus anseios, as suas aspirações.

Sua arte, de pura inspiração popular brasileira, não se perdeu em lirismo estereis, mas afirmou-se nos grandes temas sociais de sua época.

Por isso, a bancada do partido republicano, por meu intermédio, deseja também transmitir a esta Assembléia o seu voto de adesão aos Deputados proponentes desta justa homenagem ao Condor brasileiro". (Palmas).

Não havendo mais oradores inscritos ou quem da palavra quizesse fazer uso, o sr. Presidente designa uma nova sessão para o dia de hoje, as 16 horas.

Levanta-se a Sessão.

